

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP  
CURSO EM LICENCIATURA EM LETRAS

**A FICIONALIZAÇÃO DA HISTÓRIA LUSO-AFRO-BRASILEIRA NA OBRA “NAÇÃO  
CRIOULA” DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA**

ALEXANDRE LIRA SÁ

ORIENTADORA DOUTORA GLEIDYS MEYRE DA SILVA MAIA

Parintins-Am  
2018

ALEXANDRE LIRA SÁ

**A FICCIONALIZAÇÃO DA HISTÓRIA LUSO-AFRO-BRASILEIRA NA OBRA “NAÇÃO  
CRIOLA” DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina Pesquisa e Produção Acadêmica em Letras III, no Centro de Estudos Superiores de Parintins, da Universidade do Estado do Amazonas, para obtenção parcial de grau para aprovação do título de Licenciado em Letras.

Orientadora:

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Gleidys Meyre da Silva Maia

Parintins-Am

2018

ALEXANDRE LIRA SÁ

**A FICIONALIZAÇÃO DA HISTÓRIA LUSO-AFRO-BRASILEIRA NA OBRA “NAÇÃO  
CRIOLA” DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA**

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Gleidys Meyre da Silva Maia (UEA)  
(Orientador)

---

Prof<sup>º</sup>. Dr. Weberson Fernandes Grizoste (UEA)  
(Examinador Interno)

---

Prof<sup>ª</sup>. Ms. Dilce Pio Nascimento (UEA)  
(Examinador Interno)

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>05</b>
<b>2. A FICÇÃO LITERÁRIA E OS DISCURSOS HISTÓRICOS.....</b>	<b>07</b>
<b>3.O PROCESSO DE COLONIZAÇÃO EM ÁFRICA: PERSONAGENS EM TRANSIÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>4. O ELO LUSO-AFRO-BRASILEIRO: O SISTEMA ESCRAVAGISTA.....</b>	<b>15</b>
<b>5.FRADIQUE MENDES: UMA VOZ QUE ECOA OS CONFLITOS COLONIAIS.....</b>	<b>18</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>21</b>
<b>7. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>22</b>

# A FICCIONALIZAÇÃO DA HISTÓRIA LUSO-AFRO-BRASILEIRA NA OBRA “NAÇÃO CRIOLA” DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

Alexandre Lira Sá<sup>1</sup>  
Gleidys Meyre da Silva Maia<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste artigo discutimos o diálogo entre literatura e história na prosa de José Eduardo Agualusa “Nação Criola: a correspondência secreta de Fradique Mendes” (2001). Nesse sentido, objetiva-se analisar o jogo discursivo entre história e ficção a partir das estratégias de narração e das experiências do autor. A característica mestiça que se manifesta no interior da narrativa quando Carlos Fradique Mendes transita de Portugal ao continente africano e, deste, ao Brasil tem como influência a trajetória literária até hoje percorrida por José Eduardo Agualusa. A literatura africana de língua portuguesa produzida por Agualusa, como se pode verificar em “Nação Criola”, reflete as questões socio-políticas de Angola sob o ângulo da história de seu povo. É salientado o diálogo que se forma entre as literaturas presente na figura do próprio Fradique. Este inquietante personagem aparece primeiramente em “Correspondência de Fradique Mendes” (1900) de Eça de Queirós e, mais tarde, em 1997, no romance de José Eduardo Agualusa “Nação Criola: correspondência secreta de Fradique Mendes”. Os conceitos de discurso literário e histórico são desenvolvidos com base em Pesavento (2003), White (1995), Barthes (2004) e D’onofrio (1999).

**Palavras-chave:** Ficcionalização. História. Discurso. Jogo discursivo. Intertextualidade.

**ABSTRACT:** On this analysis we discuss the dialogue between literature and history in the works Nação Criola: a correspondência secreta de Fradique Mendes of José Eduardo Agualusa (2001). By this way, we aim to analyse the discursive set between history and fiction from the schemes of narration and the author experiences. The mestizo characteristic that is manifested within the narrative when Carlos Fradique Mendes leaves from Portugal to the African continent and then to Brazil has as influence to the trajectory literary till now travelled by José Eduardo Agualusa. The Portuguese-African literature produced by Agualusa, as can be seen in “Nação Criola”, reflects the socio-political issues of Angola from the views of the history of their people. It is emphasized the dialogue that is formed between the literatures existent in the figure of Fradique. This uncanny character first appears on the works of Eça de Queirós, “Correspondência de Fradique Mendes” (1900) and, later, in 1997, in the novel of José Eduardo Agualusa “Nação Criola: correspondência secreta de Fradique Mendes”. The literary and historical discourse concepts are developed on Pesavento (2003), White (1995), Barthes (2004) and D'onofrio (1999) studies.

**Keywords:** Fictionalization. Story. Speech. Discourse set. Intertextuality.

## INTRODUÇÃO

José Eduardo Agualusa, nascido na cidade de Huambo (Angola) em 1960, é um consagrado escritor da literatura de língua portuguesa. “Nação Criola: a correspondência secreta de Fradique Mendes”, uma das obras mais significativa de Agualusa, é um romance constituído por epístolas, cujo protagonista é criação primeira de Eça de Queirós em “Correspondência de Fradique Mendes”. Agualusa toma Fradique para ser a voz principal de uma narrativa que se movimenta em terras africanas e brasileiras de acordo com as demandas coloniais.

---

1 Acadêmico do 8º período de Letras do Centro de Estudos Superiores de Parintins, Universidade do Estado do Amazonas.  
2 Doutora em Letras pela UFRGS, profa. de Literatura de Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Amazonas UEA/CESP.

Publicada em 1997, a obra “Nação Crioula” é constituída por 26 epístolas destinadas à Madame de Jouarre, à Ana Olímpia e ao próprio Eça de Queirós. Fradique Mendes expõe nas suas cartas os efeitos da colonização em Angola no século XIX, tais como a comercialização de escravos, as injustiças sociais e o preconceito. Uma vez em terras brasileiras, Fradique se dispõe a lutar em prol da liberdade negra, juntando-se a um movimento emancipador da abolição da escravatura.

Nesse romance dá-se a voz não somente àquele que oprime, o colonizador, mas prevalece a voz do oprimido quando se posiciona em contramão às ações opressoras. Ana Olímpia, por exemplo, exerce um papel fundamental na narrativa, pois, sendo mulher, negra e filha de escrava, cresceu firme em seus ideais políticos como célebre dama da sociedade angolana. Esse comprometimento com as questões sociais do país reflete a voz de uma mulher reflexiva e, diz-se assim, protagonista feminina, ocupando espaços até então interceptados pelo homem.

No primeiro ato deste trabalho focamos nas reflexões teóricas do diálogo da ficção literária e dos discursos históricos. Em “Nação Crioula”, José Eduardo Agualusa dispõe da história para desenvolver uma narrativa de ficção, por isso é notável o ponto de intersecção entre o discurso literário e o discurso histórico, além do diálogo da literatura produzida por Agualusa na obra em questão em contato com a literatura de Eça de Queirós em “A correspondência de Fradique Mendes”. As explicações conceituais dos discursos históricos e literários são discutidos por Pesavento (2003), White (1995) e Barthes (2004).

As análises se iniciam com uma discussão sobre o processo de colonização em África e o comportamento das personagens em cena. Branco (2016) desenvolve reflexões acerca da imagem do continente africano sob o olhar do estrangeiro. Essa visão do outro permanece com o mesmo preconceito de outrora. Agualusa, no entanto, não deixa essa ideia tomar espaços em sua narrativa, ao contrário, seus personagens agem e tomam posições frente a colonização.

Outro ponto discutido é com relação a compreensão do processo de ligação luso-afro-brasileiro. As constantes divergências e conflitos do período colonial determinaram aproximação de países como Portugal, Brasil e Angola, formando assim, uma comunidade lusófona. Mas é importante entendermos que lusofonia não é somente a soma de territórios e populações ligados pela língua portuguesa. Consideram-se questões do patriotismo, ideologias e sentimentos, além do processo de miscigenação e da influência da cultura entre os países lusófonos. Daí a ênfase no processo do sistema escravagista no Brasil e nas experiências de Agualusa para além das funções literárias nesses ambientes.

Nas análises finais deste trabalho, focamos nos discursos de Fradique Mendes, uma figura de espírito inquietante visto na prosa de Eça de Queirós e, mais tarde, em Agualusa. Fradique

mantém um pensamento crítico e reflexivo perante as questões que abalam a sua realidade. Em “Nação Crioula” isso fica mais evidente com a tomada de posição e de engajamento com uma causa social mais sensível, a exploração do homem.

## **A FICÇÃO LITERÁRIA E OS DISCURSOS HISTÓRICOS**

O diálogo que se estabelece entre literatura e história na obra “Nação Crioula” de José Eduardo Agualusa salienta a visão e a imaginação apurada do escritor angolano acerca dos conflitos sociais e políticos em uma época que Angola vivia sob o jugo português. O poderio dos colonizadores exerceu forte domínio sobre o país africano, transformando-o num verdadeiro celeiro de comercialização de escravos. Tem-se como paradigma histórico a colonização portuguesa em África, o tráfico de escravos angolanos para o Brasil e a luta pela abolição da escravatura.

Agualusa usa como pano de fundo para compor o seu romance vários ambientes históricos por onde divagam os personagens e se desenvolvem os confrontos narrados. Os conflitos que se sucederam desde a colonização de Angola à exportação de escravos negros para o Brasil são vistos e contados por Fradique Mendes, um personagem fictício criado anteriormente por Eça de Queirós em a “Correspondência de Fradique Mendes” (1900).

Em Eça, Fradique Mendes segue um ideal nacionalista, e por isso o discurso em referência a Portugal e o resgate de identidade nacional perdida com a intensificação dos conflitos internos. Descontente com tais crises, Fradique procura entender a si mesmo e a sua civilização percorrendo outros lugares, outras culturas. Nesses percursos, relata em cartas as suas visões filosóficas e políticas não somente sobre Portugal, mas de outros lugares que transitava.

Em “Nação Crioula”, as cartas de Fradique à Madame de Jouarre, ao amigo Eça de Queirós e à sua amada Ana Olímpia atestam segredos, perseguições, lutas e demais dificuldades da vida em África. Tais aspectos históricos decorridos dentro da obra literária produzem um diálogo ou formam pontos de intersecção da história com a literatura e da literatura com a literatura.

Abdala Junior (2007, p. 235), ao tratar do processo literário, problematiza-o em função da vida em sociedade, ou seja, a literatura se articula a partir daquilo que vem da práxis, das experiências em sociedade. Os grandes problemas de organização social ou mesmo de uma nação são ficcionalizados e colocados em discussão nas diversas instâncias da literatura. Esta, portanto, surge à disposição do grande público como uma voz que ecoa um sentimento, uma razão e a liberdade de expressão.

Assim, a ficcionalização da história põe em evidência aquilo que não é dito pelo discurso histórico. Inserem-se outras situações ou questões analisadas dentro da ficção literária. Há um

posicionamento crítico quando o escritor ruma para outros lados, fazendo conhecer supostas “verdades” ou mesmo apresentando outras versões que a história não revela. Com isso, o escritor de prosa literária produz questionamentos acerca daquilo que tomamos como resposta pronta dita por um discurso histórico.

Segundo Barthes (2004, p. 176), a questão do fato é de existência essencialmente linguística, pois estamos a tratar de um termo de um discurso. E o que é interessante, porém, é que “tudo se passa como se essa existência não fosse senão a “cópia” pura e simples de uma outra existência, situada num campo extra-estrutural, o real”. O que existem são apenas discursos dos acontecimentos. Desse ponto de vista, pode-se dizer que a história apenas reproduz aquilo que está sob o foco ou que é cabível salientar no referido discurso. Mas a ficção literária, de acordo com a imaginação do autor, permite buscar outras experiências, obter novos olhares e dar um novo sentido aos fenômenos essencialmente históricos.

Conforme Pesavento (2003, p. 32),

Hoje, são outras as questões que articulam o debate, que aproximam e entrecruzam as narrativas histórica e literária, entendendo-as como discursos que respondem às indagações dos homens sobre o mundo, em todas as épocas. Narrativas que respondem às perguntas, expectativas, desejos e temores sobre a realidade [...]

O diálogo história e literatura visa mostrar os diversos pontos de compreensão da realidade que o indivíduo procura. Tanto a história como a literatura apresentam discursos, mas esses discursos se constroem de modo particular, pois o olhar que o historiador tem sobre o real se difere do escritor de ficção. Com base nisso, o escritor muito se vale de um acontecimento real para colocar as suas impressões ou o seu imaginário à vista por meio da literatura, ou seja, o imaginário do poeta-escritor é carregado de valores que reiteram uma nova concepção daquilo que poderia ter sido. Então,

este entendimento da História como uma narrativa sobre o passado liga-se ao conceito da **representação**, que encarna a idéia de uma substituição, ou ainda da presentificação de uma ausência. Assim, no sistema de representações sociais construídas pelos homens para atribuir significado ao mundo, ao que se dá o nome de **imaginário**, a Literatura e a História teriam o seu lugar, como formas ou modalidades discursivas que tem sempre como referência o real, mesmo que seja pra negá-lo, ultrapassá-lo ou transfigurá-lo (*Ibidem*, p.33).

Em tais discursos histórico e ficcional a realidade é apresentado como referência em que o imaginário do autor reflete as percepções ideológicas desse objeto dito real. White (1995, p. 12), afirma que ‘O historiador realiza um ato essencialmente *poético*, em que prefigura o campo histórico e o constitui como um domínio no qual é possível aplicar as teorias específicas para explicar “o que estava *realmente* acontecendo nele’. O escritor pode muito bem desenvolver essas



duas características de historiador e poeta com o intuito de criar uma ficção baseada em fatos de uma história que desencadeou marcas no tempo e na sociedade.

Agualusa em “Nação Crioula” recria um passado histórico tomado de opressões, desigualdades e violência para fazer refletir a esta nova realidade em que o homem se encontra. A ficção é, pois, um caminho em aberto em que o poeta tem a liberdade de expor outras situações que poderiam ter acontecido. Existem infinitas histórias que não são contadas pela História, outras são, porém, ditas de modos diferentes. Pesavento (2003, p. 05), estabelece uma visão acerca da narrativa histórica que é limitada comparada às estratégias do historiador da ficção literária que procura acrescentar outras facetas do mundo no que corresponde a sua imaginação:

A História é narrativa do que aconteceu, mas não é mimesis, é tradução de uma alteridade no tempo, o que implica recriar formas de representar o mundo que não são mais as nossas, e que obedeciam a outras razões e sentimentos. Para tanto, as estratégias ficcionais do historiador estariam presentes na escolha, seleção e rejeição de materiais, organização de um enredo, escolha e uso de palavras e metáforas, desvendamento de sentidos implícitos.

Em uma visão histórica do real se traduz um evento de acordo como este se desenvolveu no tempo, cronologicamente. Nessa versão dos fatos, o historiador repensa um tempo não vivido por ele, daí a presença do imaginário nas representações. Por isso, muitos questionamentos são construídos justamente pela forma como o autor recria o passado, uma vez que não se pode reproduzir determinado evento da mesma maneira como aconteceu, mesmo se o sujeito estivesse presente no ato prevaleceria o seu discurso.

Em *Poética* de Aristóteles, é enfatizado que o poeta não visa relatar algo que aconteceu, mas ele imagina o que poderia vir a acontecer. Daí a diferença para o historiador, que exerce a função de relatar o acontecido. Assim, “a poesia é mais filosófica e tem um carácter mais elevado do que a História. É que a poesia expressa o universal, a História o particular” (ARISTÓTELES, 1451b). No sentido poético das palavras predomina o senso crítico-reflexivo das diversas questões desencadeadas em todo o instante. O eu lírico se expressa livremente, critica e repensa o mundo que o cerca.

Na visão de D’Onofrio (1999, p. 19):

Mesmo a literatura *realista* é fruto de imaginação, pois o carácter ficcional é uma prerrogativa indeclinável da obra literária. Se o fato narrado pudesse ser documentado, se houvesse perfeita correspondência entre os elementos do texto e do extratexto, teríamos então não arte, mas história, crônica, biografia.

A ficção é, pois, um elemento indispensável para a construção da literatura. O realismo é uma aproximação com a realidade, mas não podemos confundir-lo com o real. O historiador é quem produz o que se chama de discurso histórico. Atenta-se para os fenômenos “reais” que movimentam a política e a vida em geral de uma sociedade. As pesquisas e documentos formam as bases essenciais para que o historiador embase seu discurso e disponha de uma possível verdade.

O escritor permite-se ir além dessa “verdade” para criar, imaginar e descrever poeticamente o seu discurso particular. Uma vez que o leitor não esteja atento e não saiba discernir o que pode ser verdade ou não nos discursos produzidos pela história, aquele se deixará convencer pelas razões que o historiador impõe retoricamente e, a partir disso, o seu discurso terá se formado e se propagará. Nesse sentido, Pesavento (2003, p. 36) reitera que:

Mas, na impossibilidade da repetição da experiência da História, pois aquilo que se passou não volta mais, é como se o historiador desafiasse seu leitor a repetir seus passos, para chegar às mesmas conclusões. Na prática, o leitor não refaz o caminho de arquivo e de fontes, percorrido pelo historiador, e se deixa convencer pelos procedimentos retóricos utilizados, ou mesmo pela autoridade da fala de que *dá a ler* o passado.

O perigo da concepção de verdade da história propriamente dita leva o leitor a não indagar sobre tais fatos e a não recorrer sobre o que lhe é apresentado. O discurso do historiador recai sobre o indivíduo pela sua competência retórica sem chance de questionamentos. Ao passo que a literatura vem apresentar, não exatamente uma veracidade das coisas, mas possibilidades coerentes de acontecimentos que justificam determinado fato da história que desconhecemos.

## **O PROCESSO DE COLONIZAÇÃO EM ÁFRICA: PERSONAGENS EM TRANSIÇÃO**

A imagem do negro por muito tempo fora considerada inferior a imagem de outros povos, mas é com base no processo de colonização que salientamos essa questão de inferioridade. Os portugueses impuseram a sua cultura e a sua religião, logo, as manifestações culturais dos povos africanos deixaram de ser o que eram no momento em que os colonizadores europeus se instalaram nessas localidades e as suprimiram. De acordo com Branco (2016, p. 61), a ignorância humana manifestada nos mitos e nos preconceitos em relação ao continente africano extinguiu o que de fato representa o lugar e a sua gente. Tais prerrogativas indicavam que as sociedades africanas não dispunham de uma história autônoma. Esse estereótipo criado pelos colonizadores sobre o continente se difundiu em outras culturas até a modernidade.

No trecho a seguir, ouve-se a voz de Ana Olímpia, angolana, alguém capaz de definir o que é esse lugar, Angola, considerado inferior e exótico às demais nações: “Perguntei-lhe: «O que faz uma mulher como você num lugar como este?». Ela sorriu, belíssima: - Este lugar é o meu país.” Soa irônico tal colocação de Fradique sobre o lugar colonizado. Ana Olímpia rebate, enfatizando o patriotismo e o orgulho do povo angolano. Desse modo, Fradique muda de visão e finaliza a carta destinada à Madame de Jouarre: “Um país que me surpreende todos os dias. Seu afilhado quase africano, Fradique”.

As percepções e discursos sobre as nações africanas se propagam desde a colonização de forma negativa, mesmo com os avanços e as participações econômicas, sociais e literárias não se extinguiu o velho olhar que a Europa tem sobre a África.

Os Portugueses iniciaram o processo de colonização na primeira metade do século XV estabelecendo feitorias, portos e enclaves por todo o litoral oeste africano. A obtenção de pedras, metais preciosos, especiarias e escravos é feita pelos sistemas de captura e de pilhagem. Este método predador provocou o abandono quase total da agricultura e o atraso no desenvolvimento manufactureiro dos países africanos (BRANCO, 2016, p.62).

A intervenção portuguesa através da colonização no século XV durou até o século passado em África. Por muito tempo o continente africano sofreu com a dominação portuguesa, como também de outras colônias que interviram com iguais ou maiores interesses. Por exemplo, a Inglaterra era uma das grandes potências que lutava em prol da abolição da escravatura, porém, essa intenção promissora guardava outros interesses políticos e econômicos em terras africanas.

A Inglaterra também interessada nos negócios marítimos surge no final do século XVIII e meados do século XIX com um enorme poder naval e económico, assumindo a liderança da colonização africana.

Para isso, combatem a escravidão já menos lucrativa e orientam o comércio africano para a exportação do ouro, do marfim e dos animais exóticos. Desta forma, os ingleses têm necessidade de estabelecer novas colônias na costa e passam a implantar um sistema administrativo fortemente centralizado na mão de colonos brancos ou na mão de representantes da coroa inglesa, geralmente bem escolhidos pelo governo central da metrópole (*Ibidem*, p. 62-63).

Em “Nação Crioula” é nítido uma desavença entre os portugueses e ingleses com relação ao domínio de terras africanas. A Inglaterra não tem interesse em explorar o homem para obtenção de lucros, mas vê outras possibilidades para fortalecer o seu comércio. A escravidão continuava, apesar das lutas e resistência dos abolicionistas.

A América inglesa está superpovoada. Todos os anos chegam milhões de agricultores europeus aos estados do interior. Assim é fácil ser humanista e gritar contra o tráfico. Mas o Brasil, onde o número de colonos europeus é muito reduzido, depende inteiramente dos escravos. Se o tráfico acabar, a agricultura brasileira entra em colapso. Ao mesmo tempo a Inglaterra pretende arruinar as elites que amanhã poderiam governar Angola, e a prova provada de tal aleivosia é que a armada britânica não se limita a apresar e afundar os navios negreiros – tem feito o mesmo a embarcações carregadas com diversos gêneros de troca (AGUALUSA, 2001, p. 13).

O predomínio do sistema escravagista em África garantia o sustento econômico e de poder dos comerciantes, por isso as ações contrárias a esse tipo de comercialização já considerado “ilegal” no Brasil os amedrontava. A intervenção inglesa se dispunha a desfazer esse tipo de sistema ultrapassado e expandir um processo de trabalho mais humano. De fato, os ingleses viam os escravos como fontes de crescimento econômico do país e, portanto, seriam ideais para elevar o capital. Assim, não seriam eles o próprio comércio e nem escravos do sistema.

Com a colonização em África, Fradique Mendes, personagem aventureiro e protagonista da obra, aporta no continente, mais especificamente em Luanda capital de Angola. Tal percurso é

tomado por conflitos sociais e políticos e a paixão que surge entre Fradique e Ana Olímpia intensifica os problemas descritos no decorrer da narrativa. Agualusa faz seus personagens transitarem durante a intensificação do processo da colonização portuguesa em África. Fradique Mendes é quem mais se movimenta pelos lugares de conflitos e descreve em suas cartas alguns acontecimentos brutais da intervenção lusitana. Na carta datada em maio de 1868, Fradique escreve à Madame de Jouarre relatando a sua primeira experiência em terras africanas.

Desembarquei ontem em Luanda às costas de dois marinheiros cabindanos. Atirado para a praia, molhado e humilhado, logo ali me assaltou o sentimento inquietante de que havia deixado para trás o próprio mundo. Respirei o ar quente e húmido, cheirando a frutas e a cana-de-açúcar, e pouco a pouco comecei a perceber um outro odor, mais subtil, melancólico, como o de um corpo em decomposição. É a este cheiro, creio, que todos os viajantes se referem quando falam de África (AGUALUSA, 2001, p. 11).

Nota-se um estranhamento e uma identificação negativa do viajante sobre o lugar em que desembarcara. O discurso perceptível é pesaroso ao retratar o clima e o cheiro do ambiente africano. Trata-se de um lugar em ruínas, de injustiças sociais e degradação humana.

A seguir mostrou-me o resto da casa, incluindo o quintal, largo e fundo, que está em parte ocupado com as habitações dos escravos e com armazéns cheios de marfim, de borracha e de cera. Presas aos altos muros vêem-se cadeias de ferro e no centro do pátio existe mesmo um pelourinho que o coronel garante nunca ter utilizado. Ainda há pouco tempo, porém, este mesmo espaço servia para engordar negros trazidos do interior e em trânsito para o Brasil (AGUALUSA, 2001, p. 13).

Na construção da narrativa de “Nação Crioula”, essa passagem se revela como uma das primeiras imagens que Agualusa alude como processo de colonização e exploração do homem em África. Tal lugar era utilizado para guardar escravos e, assim, comercializá-lo. O próprio coronel Arcênio de Carpo, comerciante de escravos, é quem mostra a Fradique tal realidade angolana. A descrição do referente espaço onde abrigavam os escravos provoca no leitor a imaginação e a indagação da história da colonização e a trajetória dos negros.

Arsênio Pompílio Pompeu de Carpo é uma representação histórica no romance de Agualusa, figura importante da comercialização de escravos e uma definição precisa de como seria e agia um negro.

Mas, entre todos, seria sobre Arsênio Pompílio Pompeu de Carpo que recaíam as observações mais expressivas de Tams, escolhendo-o para ilustrar tanto a arrogância dos mercadores de escravos, como as estratégias que usavam. Além de se referir ao escravo branco que o acompanhava ostensivamente em suas caminhadas pelas ruas da cidade ou sua rica morada urbana, Tams sinalizava a dose de audácia com que Arsênio enfrentava as autoridades britânicas ligadas aos tratados luso-britânicos e em passagem pela cidade de Luanda, entabulando com elas ora cortesias, ora desafios. Uma grande agilidade era a característica central de sua atuação (CORTEZ WISSENBAACH, 2011, p. 62).

Tams encontra em Arsênio uma representação de escravocrata mais influente, determinado em suas peregrinações e rude em suas atitudes. Na versão histórica, a figura de Arsênio é mais complexa, de um perfil mais sério e de uma personalidade forte. No “Nação Crioula” Arsênio é de

fato uma influência na expansão do tráfico, porém, na ficção, encontramos outras facetas desse personagem histórico: “Eu sabia quem ele era. Um cientista austríaco, meu amigo, que durante vários meses estudou nos sertões de Angola a fauna e a flora tinha-me falado dele com entusiasmo: «Em Luanda até o sol lhe obedece. Quase nada sucede na cidade sem a concordância do velho» (AGUALUSA, 2001, p. 12).

Ana Olímpia, uma das personagens mais envolventes na obra, tornou-se uma das mulheres mais ricas de Angola. Filha de escrava, Ana não levava a vida da mãe, pois casara-se com Victorino Vaz de Caminha, escravocrata de grande influência em Luanda. A figura de Ana Olímpia é crescente e importante, isso se justifica pela sua personalidade marcante e percepções e discursos firmados em um momento delicado de opressões e censuras aos seus semelhantes. Isso se justifica com a intervenção de Victorino Vaz de Caminha que:

Preocupou-se em particular com a educação política, filosófica e literária da jovem esposa. Discutiu com ela Proudhon e Mikhail Aleksandrovich Bakunin e depois deu-lhe a ler, em francês, o inevitável Hugo, o terrível Baudelaire, o genial Flaubert, o nosso velho e querido Gautier, o vasto e desordenado Balzac, e mesmo o intolerável Lamartine, os Taine, Goncourt e Michelet. A valente criança leu-os a todos, sobreviveu e fez-se uma mulher lúcida, forte e com opiniões, enfim, uma mulher como é difícil encontrar um homem (AGUALUSA, 2001, p. 39).

Pode-se destacar, de acordo com essas descrições do processo de leitura e nível de conhecimento intelectual de Ana Olímpia, a importância de se discutir a política, a filosofia e a literatura como subsídios para se pensar e questionar a realidade. Agualusa traz à tona uma personagem mulher angolana, filha de escrava, coloca-a como exemplo de empoderamento feminino e uma voz viva que não silencia às barbáries da colonização: “O palacete que herdou do marido junta nas tardes de Domingo uma juventude original, inquieta e culta, que tudo discute e tudo contesta” (AGUALUSA, 2001, p. 39). Encontram-se nessas discussões negros e brancos que, juntamente com Ana Olímpia, não toleram a presença portuguesa no comando do país em razão, principalmente, da escravatura: “A questão da escravatura é sempre motivo de exaltado debate nestes saraus, em que poucos defendem a continuidade do velho sistema e a larga maioria se bate pela abolição” (AGUALUSA, 2001, p. 39). A luta pela liberdade decorria desses discursos de não aceitação do domínio português em terras africanas com fim comercial do tráfico humano.

A atuação de Ana Olímpia, nesse caso, é significativa em virtude da mulher que se tornara e pelo status que adquirira no meio social. Desse modo, com a influência exercida em sociedade, Ana Olímpia sabia da dimensão que a sua voz poderia alcançar, mas talvez não imaginasse as consequências que a fariam resistir e a lutar com mais vigor por sua liberdade e também pela do seu povo.

Viajo amanhã para Angola, subitamente e em segredo, ou pelo menos tão secretamente quanto é possível a alguém embarcar para África. Vou empurrado por uma infeliz notícia,

quase inverossímil na sua insesatez, e que me enche simultaneamente de cólera e de vergonha: Ana Olímpia, querida amiga angolense de quem tanto lhe falei, foi entregue como escrava a um aventureiro recém-chegado do Brasil!...” (AGUALUSA, 2001, p. 51).

Nesse trecho retirado da carta destinada à Madame de Jouarre, Fradique encontra-se em Lisboa em agosto de 1876. Ana Olímpia perdera o patrimônio para um desconhecido irmão de Victorino e, uma vez não alforriada, seu único destino era o trabalho escravo. Então, os conflitos começam a se intensificar com essa nova realidade, inclusive para Fradique que não aceita ver a sua amada nessa situação, lamentando-se:

Nem um generoso decreto do marquês de Sá da Bandeira, que há oito anos determinou a abolição da escravatura em todas as colônias e a passagem dos escravos à condição de libertos, serviu de defesa à Ana Olímpia, considerando o tribunal que exactamente por ser liberta (!) devia ela prestar serviço ao seu senhor por mais seis anos, só então alcançando a condição de mulher livre (AGUALUSA, 2001, p. 52).

Por intermédio do discurso histórico observamos um processo de colonização através de interpretações do ponto de vista do historiador. Mesmo que não seja discutida demais situações violentas e de injustiças nos estudos históricos, estes não deixam de enfatizar tais situações de repressão e supremacia dos colonizadores sobre as nações africanas.

Os estudos históricos sobre a presença europeia em África, bem como os eventos contemporâneos que recorrentemente descortinam aos olhos do mundo as feridas abertas deixadas naquele continente pelos projetos imperialistas, não permitem minimizar a violência explícita das ações de subjugação política e de extração de recursos que acompanharam o colonialismo (FILHO; DIAS, 2015, p. 09).

A partir de estudos pós-colonialistas são evidentes as questões ideológicas de modelos africanos marginalizados que perduram no período da colonização e que se prolongam na modernidade. De certa maneira busca-se superar esses conceitos registrados na história e no estereótipo da concepção humana, pois, segundo Said (1990, p. 33) “é preciso esclarecer sobre o discurso cultural e o intercâmbio no interior de uma cultura que o que costuma circular não é "verdade", mas representação”. Trata-se, portanto, de uma invenção que o outro busca fazer em relação aos aspectos culturais de determinado povo.

Os discursos históricos têm um alcance de percepção mais analisado e aprofundado sobre esses acontecimentos. Indagam sobre as intenções reais dos colonizadores em terras “desconhecidas” e de grandes riquezas. Nas impressões de José Eduardo Agualusa encontram-se fatos da história de África durante a expedição europeia no continente.

Os regimes coloniais representaram empreendimentos grandiosos direcionados a instaurar uma visão de mundo singular, buscando estratégias de imposição de um conjunto de categorias e valores que classificavam as pessoas e as coisas, construindo hierarquias e fornecendo, assim, as bases sobre as quais se sustentavam as práticas de dominação. (FILHO; DIAS, 2015, p.10)

Fradique e Ana Olímpia envolvem-se nos conflitos promovidos pela colonização. Os relatos e descrições de Fradique são essenciais como forma de identificação e entendimento dos dilemas vividos pelos negros. Ana Olímpia torna-se escrava, e ela é uma voz de grande prestígio dentro da narrativa. Por intermédio dela observamos a realidade da escravidão e da condição da mulher nesse meio.

## **O ELO LUSO-AFRO-BRASILEIRO: O SISTEMA ESCRAVAGISTA**

Com a intensificação do processo de colonização no continente africano e a comercialização de escravos houve uma forte ligação de interesses econômicos entre Portugal, Angola e Brasil. Mesmo após a resistência dos grupos abolicionistas que lutavam contra o domínio português e a conquista da “liberdade”, alguns senhores de engenhos continuavam a exercer a prática do sistema escravagista. Em uma carta escrita em Olinda em dezembro de 1876 destinada à Madrinha Madame de Jouarre, Fradique descreve um ambiente pouco feliz e manifesta suas impressões pessimistas e melancólicas de um Brasil sem vida.

As tardes aqui morrem bruscamente, violentamente, num largo incêndio que depressa se desfaz em cinza e em melancolia. Mas, ao contrário do que acontece na África Ocidental, ao contrário daquilo que eu sempre espero que aconteça, o sol não mergulha no mar – a água escurece, torna-se quase negra, a noite parece emergir do chão. (AGUALUSA, 2001, p. 67).

Fradique faz uma alusão às tardes cinzas e melancólicas não somente pelo fato da ausência de Ana Olímpia, mas, sobretudo, pela situação decadente da política no Brasil. Evidenciava-se um lugar sem luz e progresso algum, muito embora a comercialização de escravos fizesse muitos escravocratas crescerem, mas em compensação o Império se desmoronava e a sociedade também. Os escravos, porém, conscientes do destino que lhes era imposto, permitiam-se conduzir ao som de um batuque e usufruir o momento único com uma sensação de liberdade, conforme descreve Fradique Mendes.

A meio da noite vi chegar um pequeno grupo de homens com as mãos amarradas atrás das costas. Horácio deu ordens para que os soltassem e eles misturaram-se com o resto do povo, cantando e bailando, bebendo e comendo, como se ignorassem o seu destino, ou talvez como se assim pudessem esquecer-se dele (AGUALUSA, 2001, p. 69).

Homens e mulheres eram traficados em Angola com destino ao Brasil. Agualusa descreve essa rota na obra quando o navio Nação Crioula atravessa o transatlântico com milhares de negros:

Os escravos cantavam nos porões. No tombadilho o comandante tinha mandado colocar uma grande gaiola cheia de galinhas, faisões, pequenas aves canoras, e um rumor de floresta juntava-se assim ao queixume triste dos negros, causando em meu espírito uma estranha impressão” (AGUALUSA, 2001, p. 70).

No Brasil, Castro Alves consagrara-se como uma importante voz poética que denunciava a escravidão. Por isso, a denominação de “Poeta dos Escravos”. Pertencente à terceira geração romântica, denominada geração Condor, destacava em suas poesias os negros em condições desumanas e injustas. Exercia a função de poeta sob um olhar atento e sensível aos problemas sociais, sobretudo, à situação do negro no Brasil. No poema a seguir intitulado “Vozes D’África”, o poeta reclama e exclama por piedade divina à sobrevivência e a liberdade negra.

Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?  
Em que mundo, em qu’estrela tu t’escondes  
Embuçado nos céus?  
Há dois mil anos te mandei meu grito,  
Que embalde desde então corre o infinito...  
Onde estás, Senhor Deus?

Qual Prometeu tu me amarraste um dia  
Do deserto na rubra penedia  
– Infinito: galé!...  
Por abutre – me deste o sol candente,  
E a terra de Suez – foi a corrente  
Que me ligaste ao pé...

O cavalo estafado do Beduíno  
Sob a vergasta tomba ressupino  
E morre no areal.  
Minha garupa sangra, a dor poreja,  
Quando o chicote do simoun dardeja  
O teu braço eternal

O poema se inicia com um grito por socorro ao Deus que não responde, é manifestada toda uma angústia do eu lírico em razão das adversidades enfrentadas. Nem mesmo a divindade está presente para amenizar as aflições dessa voz, pois há tanto tempo que clama por piedade. Castro Alves visa mostrar essas vozes que vêm de África para ser cantada, lida e declamada.

Agualusa destaca Castro Alves como referência fundamental de poeta engajado com as questões sociais e políticas não somente do seu lugar, mas, sobretudo, colocava-se como voz ativa em favor dos negros oprimidos que se encontravam sob constantes formas de preconceitos e injustiças. A poesia de Castro Alves alcançava-os de alguma forma, fazendo-os reconhecer em cada verso das poesias a própria história.

Impressionou-me também nesta estranha viagem um episódio que não resisto a contar-lhe: uma noite um dos marinheiros, moço de voz quente, começou a cantar, acompanhado à viola, uma moda triste, na qual julguei reconhecer, espantado, alguns versos de Castro Alves: «Senhor Deus dos desgraçados! / Dizei-me vós, Senhor Deus / Se eu deliro... ou se é verdade / Tanto horror perante os céus?!... / Oh mar, por que não apagas / Com a esponja de tuas vagas / Do teu manto este borrão? / Astros! noites! tempestades! / rolai das imensidades! / varrei os mares, tufão!». Era de facto o «Navio Negreiro», do grande poeta bahiano (AGUALUSA, 2001, p. 73).



O navio negreiro é motivo de indignação para o poeta Castro Alves. A Deus e ao mar roga para que tal infortúnio tenha um fim. O negro que entoia a poesia, mesmo não refletindo criticamente as questões sociais e políticas que se explicam nos versos, reconhece uma história que se assemelha com a própria. O escravo sente as aflições, questiona aos céus e vê no mar uma saída, mesmo que seja para a morte. Fradique chega a questioná-lo sobre quem escreve

A ligação luso-afro-brasileira na obra de Agualusa reflete com veemência as experiências do escritor em suas incursões pelo Brasil, Angola e Portugal. Em outras obras como “Manual prático de levitação” (2005) Agualusa, além de priorizar a junção de ficção e realidade, estabelece a relação Angola-Brasil onde as histórias se desenvolvem. Do mesmo modo pode-se verificar em “A Rainha Ginga” (2014), pois o escritor mantém a estreita ligação luso-afro-brasileira. A relação de combate entre Angola e Portugal é nítida no romance. A representação do Brasil mostra-se em primeira instância pela personagem que narra a história, um padre originário de Olinda, Pernambuco. Em segunda instância, essa região do Brasil serve de espaço determinante durante os acontecimentos conflituosos da narrativa.

Em “Teoria Geral do Esquecimento” (2012), Agualusa fundamenta a narrativa utilizando um eventual acontecimento histórico que se passara durante a independência de Angola de Portugal. A tensão entre grupos anticoloniais e as forças portuguesas narrada na obra trazem à tona fatos históricos como, por exemplo, a trajetória da personagem protagonista Ludo que fora presa no apartamento durante anos em razão dos conflitos recorrentes em Luanda.

Fradique Mendes, apesar dos preconceitos que, até então carrega, tem uma impressão e um olhar mais humano quando observa de perto a forma de trabalho exercido em Luanda pelo escravocrata Arcénio de Carpo. Assim ele reflete, “Já compreendeu, querida madrinha, como fez fortuna o senhor Arcénio de Carpo? Precisamente: comprando e vendendo a triste humanidade. Ou, como ele prefere dizer, «contribuindo para o crescimento do Brasil»” (AGUALUSA, 2001, p. 13). Porém, Arcénio de Carpo, praticante do sistema escravagista, não se dispunha dos seus ideais ao proferir tal discurso: “Na forte lógica do senhor Arcénio condenar a escravatura é já dobrar a cabeça diante da arrogância inglesa. Apoiar as sociedades emancipadoras, um acto de traição” (AGUALUSA, 2001, p. 14). Por meio da narrativa de Agualusa, percebe-se um enfoque não somente ao sofrimento do homem enquanto escravo do sistema, mas também a visão ou a voz daquele que ofende e oprime.

A questão do trabalho é visto com grande preconceito e inferioridade nos discursos daqueles que não exercem nenhuma função que remete ao termo “trabalho”. No excerto seguinte, Agualusa descreve algumas dessas impressões:

Trabalhar ninguém trabalha em Luanda a não ser os escravos; e fora da cidade trabalham os, assim chamados, «pretos boçais». Trabalhar representa portanto para o Luandense uma actividade inferior, insalubre, praticada por selvagens e cativos. «Fulano vem de uma família trabalhadora», ouve-se dizer às vezes em voz baixa, venenosa, à mesa sombria de um café. É uma insinuação cruel, capaz de destruir reputações, pois sugere que o visado só há pouco tempo comprou o primeiro par de sapatos e que provavelmente descende de escravos” (AGUALUSA, 2001, p. 16).

Os escravos, além de lidarem com a pressão do trabalho e a perseguição dos senhores aos quais serviam, lidavam com a rejeição e o preconceito da sociedade. Agualusa expõe essas imagens do trabalho escravo e do preconceito exacerbado para que o leitor reflita a situação do negro ontem e hoje.

Agualusa é inteligente ao escrever “Nação Crioula” ao fazer uma ponte entre Portugal, Angola e Brasil.

Tal ideia de hibridismo, em um primeiro momento, parece dialogar com a construção identitária do próprio Fradique Mendes, visto que, se pensarmos no princípio de alteridade, o personagem português teria sua identidade construída no contato com o local no qual esteve inserido e com o qual passara a interagir. Porém a construção identitária suscitada na obra é para além da figura de Fradique Mendes – com a união do português Fradique Mendes e da ex-escrava angolana Ana Olímpia, a construção da identidade híbrida pode ser ilustrada, metaforicamente, através do nascimento de uma criança (CARVALHO, 2012, p. 16-17).

Uma maneira de se pensar mais uma vez a história que os uniu, não somente pelo processo do trabalho escravo, mas pelas amizades e amores e pela curiosidade de explorar novos horizontes. Um exemplo claro do elo luso-afro-brasileiro se concretiza com o nascimento da filha de Fradique e Ana Olímpia. Da junção de um português com uma angolana nasce uma brasileira.

## **FRADIQUE MENDES: UMA VOZ QUE ECOA OS CONFLITOS COLONIAIS**

Agualusa toma como protagonista da sua narrativa epistolar uma personagem criada primeiramente por Eça de Queirós, Fradique Mendes, para ser a voz que narra e participa dos vários acontecimentos descritos nas epístolas enviadas à Madame de Jouarre, à Ana Olímpia e ao próprio Eça. A locomoção de Fradique decorre de Portugal à Luanda e, desta, ao Brasil. Por isso, pode-se destacar uma referência ao próprio autor Agualusa que transita por esses espaços, interligando-os.

Em uma entrevista, Agualusa justifica a escolha de Fradique Mendes para ser o autor e a voz das epístolas do “Nação Crioula”:

Eu precisava, para escrever *Nação Crioula*, de alguém como Fradique! Que fosse, e ele é, um europeu – com toda a carga de preconceitos que tem – e, simultaneamente, um homem aberto ao outro. Ao diferente. A verdade é que, apesar de todos os seus defeitos, Fradique Mendes é isso! O Fradique é muito mais aberto do que o Eça de Queiroz! É um tipo que se interessa por viajar, por outros horizontes – é um homem muito adiantado para o seu tempo (Cf. em LEME, 2009, [s.p.]).

A figura de Fradique Mendes é de interesse com base no que ele representa e nas ideologias que carrega. A estratégia de Agualusa corresponde a forma como o homem europeu dirige o olhar à África, não qualquer personalidade europeia, mas Fradique Mendes, uma criatura incansável e aberto ao desconhecido.

Em “Nação Crioula”, Fradique Mendes fortalece a personalidade e os ideais. A sua nacionalidade não é exclusivamente portuguesa, é afro-brasileiro, é crioulo. O reflexo das constantes lutas, quando se insere no movimento emancipador na busca pela liberdade dos escravos, o faz perceber como outro, um outro mais humano e atuante nas causas sociais. Nesta correspondência à Madame de Jouarre em Outubro de 1878, Fradique encontra-se no Engenho Cajaíba.

Quem lhe escreve esta carta não é mais o ocioso e irresponsável aventureiro que V. viu crescer, vestindo-se nos melhores alfaiates de Paris para ocultar a miserável nudez da alma, pensando com ideias emprestadas, sentindo o mundo com sentimentos alheios, e cujo único projecto de vida, simplesmente, deixar-se viver (AGUALUSA, 2001, p. 127).

Fradique pensa as suas ações durante as suas aventuras e, devido, aos acontecimentos que o fizeram tomar uma posição, chega a uma conclusão: desfizera-se do homem que apenas criticava a crise política e social do seu meio, mas agora age e interpela por uma sociedade mais digna.

Em outra importante passagem de Fradique Mendes é no navio nação crioula onde são transportados negros em exercício futuro da escravidão no Brasil. Em terras brasileiras, Fradique se vê em meio aos conflitos políticos e sociais quando se envolve na luta a favor da abolição dos escravos. Agualusa transforma esse personagem menos alheio aos problemas da sociedade como é perceptível em Eça, porém, mais atento aos problemas vividos pelo homem.

Assim, tem-se um olhar mais próximo e mais sensível ao sofrimento humano. Fradique descreve um ambiente tomado pela dor em uma estreita comparação com Angola: “Nas ruas respira-se o mesmo odor melancólico que me surpreendeu em Luanda, um entorpecimento que se transmite das pessoas para as casas, como se toda a população estivesse já morta e a cidade em ruínas” (p. 78-79). As desigualdades sociais cresciam com o comércio ilegal de escravos: “Os ricos são odiosamente ricos e ainda mais ricos e odiosos parecem ser por contraste com a extrema miséria do povo” (p.79).

Eis-me pois transformado em senhor de engenho, os quais por estes vastíssimos sertões, entre salvador e Pernambuco, exercem desde há séculos a única autoridade, tanto maior e mais temida quanto é certo que ninguém aqui conhece o Imperador D. Pedro II, nem sequer por gravura. Para a pobre escravaria os grandes latifundiários são a imagem mais próxima de Deus que conseguem conceber. Tratam-nos em conformidade, com um terror reverencial (os seus senhores chamam-lhe respeito), e uma espécie de devoção que, vindo de mais perto, não é outra coisa senão a estranha mistura entre o ódio e a impotência (AGUALUSA, 2001, p. 88).

No Recôncavo baiano, ao tornar-se senhor do engenho, Fradique repensa as injustiças sociais e segue o ideal de liberdade dos oprimidos. Seu primeiro ato se concretiza ao alforriar todos os seus escravos.

Decidi conceder carta de alforria a todos os trabalhadores do engenho, o que serviu de pretexto a uma alegre manifestação emancipadora, que trouxe a São Francisco do Conde algumas das maiores figuras do crescente movimento social contra a escravatura. Os trabalhadores optaram, na sua maioria, por permanecer ao meu serviço, pagando-lhes eu o mesmo que nas províncias do Sul se paga aos colonos europeus, e responsabilizando-me pela saúde de todos e a educação dos filhos (AGUALUSA, 2001, p. 95).

Os discursos abolicionistas são enfatizados no decorrer da narrativa. Fradique colabora com o movimento emancipador ao lutar contra a escravidão, denunciando os coronéis que mantinham a prática. Dirigiu-se ao Rio de Janeiro e, em seguida, à Europa com o intuito de apresentar denúncias contra o crime da escravização que se perpetuava nos interiores dos estados brasileiros como é descrito no trecho a seguir em uma carta destinada ao amigo Eça no ano de 1877.

Estou agora no Rio de Janeiro, e embarco segunda-feira para Lisboa, onde tenciono permanecer um mês ou dois antes de seguir para Paris e depois para Londres. Os motivos desta minha peregrinação, sendo os óbvios (tenho negócios a tratar e amigos a rever), são também outros e menos públicos: liguei-me recentemente a uma sociedade secreta, antiescravista (chamamos-lhe a Sociedade do Cupim!), e parto com o objectivo de recolher apoios para esta causa entre os governos e instituições da velha Europa. Conto consigo e com os nossos amigos, pois encontro-me na posse de alguns documentos capazes de levantar, uma vez publicados, considerável escândalo (AGUALUSA, 2001, p. 101-102).

Há uma tomada de posição, de consciência e de sensibilidade nessa atitude de Fradique Mendes. Esse momento da narrativa é marcada por tensões, uma vez que Fradique integra um movimento de abolição da escravatura. Esse engajamento o leva a ser incitado como traidor e a ser perseguido.

Em “Correspondência de Fradique Mendes” de Eça de Queirós:

Fradique nutria pelos políticos todos os horrores, os mais injustificados: horror intelectual, julgando-os incultos, broncos, inaptos absolutamente para criar ou compreender ideias; horror mundano, pressupondo-os reles, de maneiras crassas, impróprios para se misturar a natureza de gosto; horror físico, imaginando que nunca se lavavam, rarissimamente mudavam de meias, e que deles provinha esse cheiro morno e mole, que tanto surpreende e enoja em S. Bento, aos que dele não têm o hábito profissional (QUEIRÓS, 1900, p. 38).

Nessa descrição é mostrada, por intermédio de Fradique, uma ação de Eça contra os grupos políticos ausentes de reflexões críticas e de inteligência capazes de compreender a realidade de Portugal. É evidente a repulsa de descontentamento aos sujeitos considerados políticos não capazes em promover a ciência do bem comum como bem ressalta o conceito do termo. A incapacidade política e a falta de representatividade eram pontos severamente criticados por Fradique Mendes.

Na correspondência destinada “A Bento S” quando esteve em Paris em outubro, Fradique se volta a uma concepção do homem moderno fazendo uma dura crítica.

O jornal é com efeito o fole incansável que assopra a vaidade humana, lhe irrita e lhe espalha a chama. De todos os tempos é ela, a vaidade do homem! Já sobre ela gemeu o gemebundo Salomão, e por ela “se perdeu Alcibíades, talvez o maior dos Gregos. Incontestavelmente, porém, meu Bento, nunca a vaidade foi, como no nosso danado século XIX, O motor ofegante do pensamento e da conduta. Nestes estados de civilização, ruidosos e ociosos, tudo deriva da vaidade, tudo tende à vaidade. E a forma nova da vaidade para o civilizado consiste em ter o seu rico nome impresso no jornal, a sua rica pessoa comentada no jornal! Vir no jornal! eis hoje a impaciente aspiração e a recompensa suprema! (QUEIRÓS, 1900, p. 103).

Fradique critica o homem moderno e as sociedades movidas pelo tormento da vaidade. Tudo é questão de imagem, de status e de superioridade. Eça de Queirós coloca uma questão para que todos possam refletir o próprio espírito e como agem e se comportam em qualquer meio e aceitar qualquer coisa para ter o nome reconhecido.

É verdade que eu parto, e para uma viagem muito longa e remota, que será como um desaparecimento. E é verdade ainda que a empreendo assim bruscamente, não por curiosidade de um espírito que já não tem curiosidades — mas para findar do modo mais condigno e mais belo uma ligação que, como a nossa, não devia nunca ser maculada por uma agonia tormentosa e lenta (*Ibidem*, p. 108).

Nessa carta destina “A Clara”, Fradique decide tomar mais um rumo, saindo de Paris para algum outro lugar. O espírito desse inquietante aventureiro é tomado pelo movimento, por isso a necessidade de se conhecer outras nações e refletir os ideais e a vida de outras civilizações.

A voz de Fradique Mendes alcança maiores proporções no “Nação Crioula” quanto as inquietações do negro numa sociedade caracterizada pelas injustiças sociais. Agualusa insere Fradique nesse contexto não somente para expôr críticas ao sistema, mas o desperta para a denúncia e para o enfrentamento em favor dos direitos e da liberdade negra.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metaficção historiográfica composta por José Eduardo Agualusa em “Nação Crioula” é uma versão daquilo que poderia ter acontecido na história luso-afro-brasileira do século XIX. Trata-se da inserção de um novo sentido às questões sociais e políticas de uma Angola colonizada e do tráfico de escravos. Essa recontextualização permite ir além de um discurso histórico, permitindo-se pensar a realidade a partir de uma outra perspectiva.

No cenário da colonização em África, encontramos as vozes de resistência e de engajamento social que lutam em prol da liberdade e da autonomia do cidadão negro. Ana Olímpia é a representação principal de voz presente na sociedade e de pensamento crítico-reflexivo sobre a política atuante em Angola. Seu exercício como mulher angolana compreende a posição de prestígio e de respeito no meio social, para além disso, a atuação em defesa do negro e da política de Angola.

A ligação existente entre Angola, Brasil e Portugal em “Nação Crioula” se descreve com base no sistema comercial escravagista. Os Portugueses comercializavam os negros para que estes

exercessem a função do trabalho escravo no Brasil, mesmo com os discursos abolicionistas em expansão que reprimiam a exploração do homem no século XIX. Nesse sentido, é possível perceber que na ligação luso-afro-brasileira há um propósito de Agualusa em apresentar as marcas de suas experiências por esses territórios, uma vez que, nascido em Huambo (Angola), possui ascendência brasileira e portuguesa e uma trajetória literária firmada nesses três âmbitos.

Carlos Fradique Mendes é uma voz constante na narrativa epistolar que expressa todos os conflitos, perseguições e o amor à Ana Olímpia em uma passagem por África e Brasil. Como em “Correspondência de Fradique Mendes” (1900) de Eça de Queirós ele apresenta um espírito inquietante, viajante e crítico, Agualusa o toma como protagonista de “Nação Crioula” com o intuito de lhe apresentar a África e fazê-lo conhecer, refletir e denunciar as questões políticas e sociais de Angola.

## REFERÊNCIAS

AGUALUSA, José Eduardo. **Nação Crioula**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Ana Maria Valente. 3ª ed. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

BARTHES, Roland. “O discurso da história”. In: \_\_\_\_\_. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 163-180.

BRANCO, Alberto Manuel Vara. “África: um continente em mutação a terceira vaga de transições democráticas e alguns dos impactos políticos da globalização em estados não-democráticos”. In **Millenium Spectrum**, p. 60-66, 2016.

CARVALHO, Mariana Aparecida de. **Memória, Ficção, História: um estudo de Nação Crioula**, de José Eduardo Agualusa. Dissertação de Mestrado – Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Ouro Preto, Setembro de 2012.

CORTEZ WISSENBACH, Maria Cristina. “As feitorias de urzela e o tráfico de escravos: Georg Tams, José ribeiro dos santos e os negócios da África centro-ocidental na década de 1840”. In **Afro-Ásia**, núm. 43, 2011, pp. 43-90.

D’ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto**. São Paulo: Ática, 1999.

FILHO, Wilson Trajano; DIAS, Juliana Braz. “O colonialismo em África e seus legados: classificação e poder no ordenamento da vida social”. In **Anuário Antropológico/2014**, Brasília, UnB, 2015, v. 40, n. 2: 9-22.

JUNIOR, Benjamin Abdala. **Literatura, História e Política: literaturas de língua portuguesa no século XX**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

LEME, Carlos Câmara. O quintal da minha casa ocupou o mundo. **Coleção Mil Folhas**. 2009. Disponível em: <[www.static.publico.clix.pt](http://www.static.publico.clix.pt)>.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. **O mundo como texto: leituras da História e da Literatura.** História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 14, p. 31-45, setembro, 2003.

QUEIRÓS, Eça. **Correspondência de Fradique Mendes.** São Paulo: Poeteiro Editor, 1900.

SAID, Edward. **Orientalismo: O oriente como invenção do ocidente.** Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

WHITE, Hayden. **Meta-história: a imaginação histórica do século XIX.** São Paulo: Edusp, 1995.